

Rosa Maria Egipcíaca:

a santa negra que o povo aclamou nos festejos carnavalescos da Unidos do Viradouro

Rosa Maria Egipcíaca: The black saint that the people acclaimed in the carnival festivities of Unidos do Viradouro

Ana Karina Cordeiro Alves Sorrentino

**Historiadora formada pela UERJ e mestrandona linha de
pesquisa História e Crítica da Arte pelo PPGAV-UFRJ, Universidade Federal do Rio
de Janeiro**

anakarinasorrentino@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho busca analisar as representações feitas pela escola de samba Unidos do Viradouro sobre a mulher negra e escravizada, Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz, uma das personagens mais interessantes da história do Convento de Santo Antônioⁱ do Rio de Janeiro. O curioso é que ela foi vista como uma santaⁱⁱ pela população carioca e mineira do século XVIII, com o incentivo dos próprios frades franciscanos, e, ao mesmo tempo, interrogada pela Inquisição de Portugal sob acusação de praticar de bruxaria. Tendo em vista a sua representatividade e importância histórica, pretende-se, assim, analisar a trajetória de Rosa e averiguar a forma como ela foi retratada pela escola de samba, com o propósito de dar voz a essa figura intrigante do Convento, que permanece bastante invisibilizada nos estudos acadêmicos atuais, mesmo sendo um ícone de destaque para a escrita da história das mulheres afro-brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Rosa Maria Egipciaca; arte carnavalesca; feminismo negro.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the representations made by the Escola de Samba Unidos do Viradouro about the black and enslaved woman, Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz, one of the most interesting characters in the history of the Convento de Santo Antônio in Rio de Janeiro. Interestingly, she was seen as a saint by the population of Rio de Janeiro and Minas Gerais in the 18th century, with the encouragement of the Franciscan friars themselves, and, at the same time, interrogated by the Portuguese Inquisition on charges of witchcraft. Given her representativeness and historical importance, the aim is to analyze Rosa's trajectory and investigate the way she was portrayed by the escola de samba, with the purpose of giving voice to this intriguing figure of the Convent, who remains largely unfeasible in current academic studies, despite being a prominent icon for the writing of the history of Afro-Brazilian women..

KEYWORDS: Rosa Maria Egipciaca; carnival art; black feminism.

Introdução

É importante mencionar que o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro é um tema bastante difícil de ser encontrado em pesquisas acadêmicas, seja aquelas elaboradas pela historiografia ou pela historiografia da arte. Mesmo assim, não se pode dizer que não existem livros sobre o tema, já que é possível encontrar a obra *O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias, tradições* (2008), do alemão franciscano Frei Basílio Rower; o livreto informativo *Igreja e o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro* (s.d.), dos franciscanos Frei Róger Brunorio e Frei Clarêncio Neotti; e o livro *Memória da Arte Franciscana na cidade do Rio de Janeiro* (2011), de três autores distintos: Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho, Rosa Maria Costa Ribeiro e Cesar Augusto Tovar Silva. O mais surpreendente, negativamente falando, é que não existe em nenhum desses estudos, alguma menção à Rosa Maria Egipciaca, mesmo que tenha havido espaço suficiente para ela ser citada, em, pelo menos, uma página dessas obras.

Dessa forma, se a história do Convento de Santo Antônio já é difícil de ser escolhida como tema acadêmico, Rosa Egipciaca é ainda mais, visto que permanece apagada pelos estudos da historiografia carioca e até por parte da população da cidade. Sobre a personagem, é possível encontrar o livro *Rosa Egipciaca: uma santa africana no Brasil* (2023), do pesquisador Luiz Mott, cuja primeira edição é de 1993. Diferentemente do restante das obras citadas, o autor se debruça na história dessa “santa”, servindo como o principal ponto de apoio teórico para o estudo proposto neste trabalho, assim como para o próprio samba-enredo da escola Unidos do Viradouro. Também é possível encontrar o artigo *O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII*, dos pesquisadores Klebson Oliveira e Tânia Lobo (2012): trata-se de um estudo mais voltado para as práticas de leitura e escrita de indivíduos integrantes de grupos sociais subalternos. De todo modo, ele também será citado no decorrer deste

trabalho, na parte da história da Rosa Maria Egipciáca, por ser um desdobramento necessário da obra do Luiz Mott, ainda mais com a carência de pesquisas que poderiam ter surgido após o lançamento do livro-base sobre o assunto: já se passaram 32 anos desse lançamento e ainda é difícil encontrar pesquisas que tratem adequadamente sobre a “santa” negra.

Mesmo assim, é plausível dizer que a análise de Luiz Mott é um tanto inovadora, em comparação com os estudos acima citados, afora o artigo das práticas de leitura, tendo em vista que, ao longo da consulta ao livro, fica perceptível a preocupação do autor de tirar Rosa Egipciáca do anonimato. Porque, mesmo que de forma mais superficial, Rosa já poderia ter sido citada na obra *O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias, tradições* (2008), como aconteceu com Frei Sampaioⁱⁱⁱ, mas, por ser um estudo escrito por um franciscano no ano de 1937, deve ter sido esquecida por razões da própria conjuntura da época. No entanto, o mesmo não vale para o livreto, por ser uma obra atual que funciona, inclusive, como um resumo para leigos que visitam o Convento de Santo Antônio.

No caso do livro *Memória da Arte Franciscana na cidade do Rio de Janeiro* (2011), que é o que mais se aproxima da história da arte entre esses citados, também não há uma única menção à Rosa Egipciáca. De fato, pode-se dizer que, por ser uma obra que se debruça na arte sacra, como também nos principais marcos históricos do Convento de Santo Antônio, é perceptível a ausência dessa personagem em suas páginas. Sendo assim, um dos objetivos deste estudo é justamente questionar a quase ausência de Rosa como tema de artigos e textos acadêmicos, por ser, claramente, um silenciamento proposital em que muitos sujeitos subalternos^{iv} sofrem nos espaços onde eles deviam ser ouvidos.

De fato, com o pesquisador Luiz Mott, a história de Rosa Maria Egipciáca foi, pela primeira vez, pesquisada e contada em um livro acadêmico, que

não serviu apenas de leitura para uma academia, que ainda está deixando a desejar, como também para um público leigo que conseguiu ter acesso a suas páginas, através da representação artística da Unidos do Viradouro. Este estudo vai, assim, por esse caminho e pretende apresentar, nas próximas páginas, uma pesquisa que se preocupa com a forma como as artes carnavalescas contribuíram para que os paradigmas de gênero e raça, tão enraizados na sociedade brasileira, fossem questionados durante um desfile de Carnaval.

Para isso, terá o cuidado de apresentar, primeiro, quem foi Rosa Maria Egipcíaca, apontando os traços marcantes de sua vida como: a sua chegada ao Brasil como escravizada; a sua vivência em Minas Gerais como prostituta; a sua proximidade com os franciscanos no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro; a sua atuação no Recolhimento da Ajuda – pela qual se tornou santa para a população carioca e mineira de sua época –; a sua significância por ser a primeira mulher negra e ex-escravizada a escrever um livro e o porquê de ter sido julgada pela Inquisição em Portugal. Para isso, terá como base fundamental, conforme mencionado acima, o livro *Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil* (2023), do pesquisador Luiz Mott.

No segundo momento, será discutida a significância das escolas de samba para a conservação da herança africana, com o embasamento teórico de autores que as veem como símbolo de resistência dessa matriz na sociedade brasileira. Além disso, também será debatido o papel da luta das feministas negras e o quanto elas foram fundamentais para a própria representação da Rosa Maria Egipcíaca, tendo em vista a sua oposição a todo e qualquer paradigma de raça, gênero e cor. Ademais, é importante dizer que a figura da “santa” não deixa de ser uma forma de representatividade para um grupo subalterno que ainda sofre tentativas de apagamento atualmente: as mulheres negras.

Nessa parte do trabalho, as imagens das artes carnavalescas da Unidos do N. 30, 2025, P. 220 - 248

Viradouro também serão estudadas, através da análise iconográfica e iconológica de Panofsky (2007), com o intuito de debater alguns conceitos importantes. O primeiro deles é, justamente, a questão da subalternidade, visto que a “santa”, por mais que tenha um papel de destaque na história do Convento e da própria cidade do Rio de Janeiro, foi duramente silenciada por um discurso hegemônico de longa duração^v, que tende a camuflar vivências de mulheres negras por misoginia e racismo.

Para isso, contará com a ajuda da historiadora da arte Griselda Pollock, através do livro *Inside the Visible: an elliptical traverse of 20th century art, in, of, and from the feminine* (1996), por tratar de questões que envolvem as inscrições feministas. Deve ser comentado que a autora desenvolve seu pensamento por meio da crítica da arte do século XX, com o advento dos movimentos artísticos oriundos de três períodos (décadas de 1930-40, 1960-70 e 1990). Sendo assim, esse trabalho tem em mente que o conceito de Griselda é um questionamento claro a esse tipo de arte mas, por ser tão pertinente, também merece ser trabalhado em outros polos de pesquisa sobre as mulheres subalternas.

Vale ressaltar que o estudo não pretende cometer um anacronismo no que diz respeito à inserção do termo feminismo nas questões que envolvem o tempo histórico da Rosa Egípcia, mas acredita que o conceito de inscrições feministas de Pollock (1996) é fundamental para questionar os modelos tradicionais institucionalizados. É importante dizer que a autora se concentra em uma abordagem que critica o silenciamento proposital das mulheres na arte, permitindo que esse silenciamento seja contestado pelo leitor não só no campo das artes, como também em diversos módulos da sociedade. Indo mais além, pode ser dito que o apagamento também abrange outros tempos históricos, visto que as questões de gênero sempre estão relacionadas a uma estrutura patriarcal de longa duração.

No caso da Rosa Maria Egípcia, o seu tempo histórico conservava não só traços de uma sociedade estruturada no patriarcalismo, como também

fomentava a escravidão de pessoas oriundas do continente africano. O interessante é que, mesmo com todos esses obstáculos, Rosa conseguiu ser uma pessoa de destaque em comparação com muitos que podiam ter acesso fácil à leitura e à escrita, tendo em vista que, mesmo com as dificuldades apontadas, conseguiu se tornar a primeira mulher negra a escrever um livro no Brasil. No entanto, por questões que ainda permeiam a sociedade brasileira, ela só foi pesquisada pela primeira vez entre as décadas de 1980 e 1990, demonstrando o quanto o silenciamento é real.

Por fim, é importante dizer que este trabalho parte de uma proposta que visa colocar em destaque no meio acadêmico a figura de uma mulher que conseguiu um grande feito, assim como tantas outras que acabaram sendo silenciadas por questões de gênero e, até mesmo, pelo racismo estrutural de longa duração. O que se pretende fazer se deve muito ao livro *A cidade das damas*^{vi}, de Christine de Pizan (2012), por ela propor uma escrita que destaca distintas mulheres em seu tempo histórico, demonstrando que elas sempre existiram e que são sujeitos protagonistas de suas histórias e narrativas. A partir desse pensamento, as representações artísticas de Rosa Maria Egipciáca serão analisadas com os devidos questionamentos, tendo também o intuito de enfatizar a importância do protagonismo feminino negro nos festejos carnavalescos.

A “Flor do Rio de Janeiro”: A história de Rosa Maria Egipciáca

Apesar da chegada de 5 milhões de africanos em terras brasileiras, durante os três séculos e meio de escravidão, não se sabe quase nada da vida individual dos escravizados: é muito difícil encontrar registros que permitam ao historiador traçar a trajetória desses africanos. Quando são realizadas pesquisas, é muito comum serem encontrados documentos, como atestados de desembarque em portos, registros de batismo, casamento e óbito, cartas de alforria, escritura de hipoteca de escravizados, entre outros, mas que não são suficientes para reconstituir a

vida da pessoa, que segue no anonimato.

O caso de Rosa Maria Egipciaca é uma exceção, visto que, no ano de 1983, o pesquisador Luiz Mott conseguiu encontrar, na Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal, documentos que possibilitaram pesquisar a vida da “santa africana brasileira”. O autor informa, no livro *Rosa Egipciaca: uma santa africana no Brasil* (2023), que foram descobertos dois processos inéditos, vinculados a um julgamento do Santo Ofício, assim como 55 cartas assinadas pela própria Rosa. Esta pesquisa é, claramente, uma tentativa de tirá-la do esquecimento e, quem sabe, um dia ela seja incluída nos anais da memória coletiva ou, até mesmo, da memória nacional.

Sendo assim, partindo da análise biográfica e historiográfica feita por Luiz Mott, é importante apresentar, para o leitor deste estudo, quem foi Rosa Maria Egipciaca, para depois analisar as representações feitas sobre a “santa” pela Viradouro. Pouco se sabe sobre sua vida na África, assim como em relação à sua travessia no navio negreiro, mas, pelas fontes, foi possível confirmar que Rosa nasceu na Costa da Mina, sendo, assim, da etnia courana ou courá.

É importante dizer que a “santa” foi chamada de Rosa quando foi batizada na Igreja Católica, depois de ter sido traficada e trazida para as terras brasileiras. Só mais tarde passou a ser conhecida como Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz. Ao que se sabe, conforme Luiz Mott (2023), Rosa chegou ao porto do Rio de Janeiro aos seis anos de idade, sendo deflorada aos doze pelo seu senhor e enviada para o arraial Nossa Senhora do Inficionado, no interior da vila de Mariana, na região das Minas Gerais, em 1733. Foi nessa cidade mineira que sua vida como prostituta começou, até sua conversão em 1748: foram quinze anos como escravizada e meretriz de sua senhora, Dona Ana Garcês de Moraes.

De acordo com Luiz Mott (2023), após os longos anos levando a vida como prostituta da região, Rosa se tornou beata e vendeu o que tinha acumulado

com a prostituição, passando a exercer novas atividades, como manter a limpeza de igrejas e participar de liturgias. O curioso é que, nesse momento de sua vida, o catolicismo ganhou força em seus hábitos e crenças, chegando a declarar ter tido visões que lembram a vida de dois santos católicos:

Apesar de sentir “sumamente vexada pelos estímulos da sensualidade”, aos 31 anos Rosa segue o conselho celestial recebido em visão: imitando São Francisco de Assis e Santa Margarida de Cortona (século XIII), distribui entre os pobres todo o ouro e os vestidos que tinha adquirido em sua “vida lasciva”. A partir daí, por volta de 1750, Rosa declara que seu corpo ficou “como morto à sensualidade, pois lhe parece que, ainda que dormisse com algum homem, não sentiria estímulos, sendo antigamente sumamente vexada deles”. E acrescenta que, “deste tempo para cá, não cometeu mais culpa alguma desta qualidade” (Mott, 2023, p. 43).

Nesse trecho de seu livro, é possível perceber que o autor deixa clara a mudança de “estilo de vida”, relatada pela própria Rosa Maria Egipcíaca. A prostituição já era vista com maus olhos, deixando-a desconfortável, tendo em vista o sentimento de tormento e angústia que ela sentia pelo seu passado. Além disso, nota-se que a referência de valores que Rosa possuía, era justamente a dos santos católicos ligados às antigas ordens religiosas. No entanto, a sua nova escolha de atos e ações, pautada na religião, não foi suficiente para livrá-la do açoite no pelourinho em Mariana.

Na época, não se acreditava que Rosa se sentia “vexada pelos estímulos da sensualidade”, sendo esse um dos motivos, conforme comentado por Mott (2023), de ela ter sido investigada pelo bispo de Mariana, Dom Manuel da Cruz. Além disso, suas visões, chamadas por ela de demônios ou “afecto”, também acabaram comprometendo-a, já que foram associadas a mentiras ou até a sinais do Diabo, ficando com fama de embusteira. Na entrevista disponibilizada pelo Uol, Luiz Mott descreve melhor como foi o seu

julgamento:

O bispo mandou uma junta de teólogos, padres e cônegos e a levaram para a igreja. Fizeram uma série de perguntas, e havia um ritual para saber se ela era uma pessoa possessa, que incluía saber latim. Acreditava-se também que os possessos do demônio aguentavam dores. Daí pegaram uma vela acesa e colocaram embaixo da língua dela durante o tempo da reza de uma Ave Maria e uma Salve Rainha. Eu fiz o teste: peguei um pedaço de carne e botei uma vela acesa durante esse tempo. Ficou um cheiro insuportável, e a carne, carbonizada. No final o povo começou a gritar “feiticeira!”, e daí ela foi açoitada no pelourinho em Mariana (Mott, 2022).^{vii}

Conforme descrito, seja o açoite ou o processo de julgamento, os dois desempenharam uma violência significativa contra a vida de Rosa. A sua fama de embusteira, bastante comentada e espalhada pela vila de Mariana, serviu de desculpa para a crueldade acontecer, ainda mais se levarmos em consideração o que foi a escravidão no Brasil e as suas características nocivas, como o racismo e a misoginia. Percebe-se que o próprio povo gritou “feiticeira”, significando que a sociedade colonial também era opressora e bastante violenta. A sorte da “santa africana” foi ter conseguido fugir, pouco tempo depois, com o seu confessor, Xota Diabos, mesmo que tenha ficado com o lado direito paralisado pelo ocorrido.

Segundo Klebson Oliveira e Tânia Lobo (2012), Xota Diabos era o apelido do padre exorcista Francisco Gonçalves Lopes, o responsável por introduzir Rosa no caminho da santidade e dar-lhe a carta de alforria. O interessante é que ele também acabou se tornando o seu confessor, como ocorre com as grandes santas místicas, fugindo junto com ela para o Rio de Janeiro, onde foram recebidos pelos franciscanos do Convento de Santo Antônio. É nesse momento que a vida da personagem muda, passando, aos poucos, a ser conhecida como uma santa, venerada por parte da

população carioca e mineira. Ela se torna, assim, a “Flor do Rio de Janeiro”, recebendo o nome completo de Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz.

Para ser compreendida a promoção de Rosa como santa, deve-se entender melhor o envolvimento dos franciscanos nesse processo. Primeiramente, é possível afirmar que havia interesse nesse propósito, pois, tendo uma santa nos domínios franciscanos, significava a garantia da doação de esmolas. De fato, por ela representar uma santa negra, isso favorecia a conversão da população negra^{vii} no Brasil, mas a verdadeira intenção era tornar o Convento de Santo Antônio o novo local de peregrinação do Rio de Janeiro.

...ter um santo ou uma santa em casa, fosse vivo, fosse no além, era garantia de multidões de devotos a pedir graças e milagres, enchendo com boas moedas de ouro e prata os cofres, que, abundantes, se espalhavam pelo templo, desde sua entrada, passando por todos os altares laterais, até o genuflexório, ao pé do altar mor. Daí o vivo interesse despertado por Rosa Egipciaca nos frades menores, naquela quadra, endividados com as reformas do convento de Santo Antônio, certamente contando com menores espórtulas dos fiéis, alguns já esquecidos das virtudes sobrenaturais do santinho enfermeiro, morto na década anterior. Valia a pena investir na negra beata, não só para viesse a servir como modelo de santidade para as gentes de cor do Brasil – a maioria da população da América portuguesa –, como também, e sobretudo, para se transformar no centro de atração de futuras romarias que garantissem polpudas esmolas para essa instituição mendicante (Mott, 2023, p. 77).

Pode-se dizer que essa busca por transformar Rosa Egipciaca na mais nova santa negra brasileira acabou se tornando um verdadeiro sucesso, visto que a veneração se espalhou até por Minas Gerais. Muitas ex-escravizadas da região das Minas deixaram seus patrimônios de joias para a Igreja de

Santo Antônio^{ix}, sendo enviadas a viver com Rosa, que era líder religiosa, no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, local voltado para mulheres que não tinham onde viver e ex-prostitutas, servindo também para virgens que viviam como se fossem freiras. Inclusive, seu antigo dono chegou a mandar suas filhas, três virgens, para o Recolhimento.

Importante lembrar, também, que o Convento de Santo Antônio abriga, há quase trezentos anos, a Capela dos Três Corações, que é a materialização de uma das visões de Rosa. O retábulo é em estilos barroco e rococó, com muitos relicários e incrustações de relíquias, ostentando os corações de Jesus, Maria e José, adornados com conchas, anjos e flores de acanto. Além disso, de acordo com Frei Róger Brunorio e Frei Clarêncio Neotti [s.d.], nas molduras do teto veem-se três sóis, projetando raios sobre o globo terrestre, com a inscrição '*Numera stellas*' de Gênesis 15,5. A visão mencionada ocorreu em um dia de Páscoa, no ano de 1754, e, a partir daquele momento, a devoção aos Sagrados Corações passou a se popularizar entre os cariocas católicos.

Um ponto interessante a se comentar é o fato de Rosa Maria Egipciaca ter sido a primeira mulher negra ex-escravizada a ser alfabetizada e escrever um livro no Brasil, ainda no século XVIII. Segundo Oliveira (2006), algumas razões contribuíram para o analfabetismo não ser considerado 100% entre a população escravizada, entre eles o papel das irmandades e as relações afetuosas com a família senhorial. No caso da "Flor do Rio de Janeiro", o que se enquadra melhor é a segunda opção, visto que contou com a ajuda de Maria Teresa do Sacramento, filha da família Arvelos, e do Frei Agostinho de São José, novo diretor espiritual de Rosa, durante a ida de Xota Diabos a Minas Gerais. Mesmo não exercendo a função de senhores, ainda assim, é possível dizer que os laços amistosos foram benéficos para ocorrer o processo de alfabetização de Rosa, tornando-a um verdadeiro destaque para a sua época.

O livro escrito por Rosa Maria Egipciaca ganhou o título *Sagrada teologia do*

amor de Deus luz brilhante das almas peregrinas.^x Infelizmente, a obra acabou sendo queimada por Xota Diabos e pela própria Rosa Maria, com a finalidade de se livrarem das provas que poderiam condená-los à prisão, ou seja, tudo o que se referia à “santidade” da beata. Também desapareceu o quadro pintado numa chapa de cobre, que representava a Rosa com os símbolos da santidade, e até hoje, não se sabe se ele também foi destruído ou se está em algum antiquário ou com um colecionador.

O motivo para ter ocorrido a destruição do livro e de qualquer prova que revelasse o envolvimento de Rosa como a personificação de uma santidade estava em um anúncio comunicado no adro^{xi} do Convento de Santo Antônio. A “santa” informou que cairia um dilúvio na cidade do Rio de Janeiro, apavorando fieis e alarmando grande parte da população carioca. Como nada aconteceu, correu a notícia de que o bispo mandaria prender tanto a Rosa quanto o Xota Diabos, por ser o seu principal confessor e cúmplice de seus atos. Como explica Luiz Mott, na entrevista:

A Rosa era uma megalomaníaca, na verdade. Ela dizia ser esposa do Espírito Santo e fez uma previsão de que o Rio de Janeiro seria inundado. Isso logo depois do terremoto de Lisboa, em 1755. Na época a colônia ficou em polvorosa, porque as pessoas concluíram: se Deus tinha castigado a metrópole, aconteceria a mesma coisa no Brasil. Ela profetizou um dilúvio, em que o recolhimento se transformaria em uma arca que a levaria junto com as seguidoras para Portugal. Lá ela se casaria com Dom Sebastião, que tinha desaparecido no Marrocos no século 16, e que dessa união nasceria o novo redentor (Mott, 2022).^{xii}

Segundo Luiz Mott (2023), Rosa Maria Egipcíaca foi denunciada e presa por ter inflado as suas crenças com um certo ideal de grandeza. Apesar de alegar que suas visões eram reais, percebe-se que ela exorbitou revelações para se autopromover como a santa viva de que o povo precisava,

chegando a alegar que teria tido o seu cabelo penteado pelo menino Jesus. Com esse excesso de grandeza religiosa, ainda mais pensando na maneira que a religião se fazia presente na sociedade do século XVIII, Rosa passa a ser vista como mentirosa, sendo um motivo cabível para ser mandada para a Inquisição, até porque parte da própria Igreja Católica já a via como bruxa.

Sendo alvo do Santo Ofício, Rosa foi levada para Lisboa em 1762 e, pelo contexto da própria época, acabou sendo julgada com acusações de bruxaria, mesmo que de nenhuma maneira tenha negado suas visões. O curioso é que não há uma sentença que afirme ou negue sua inocência, pois seu processo, conforme afirma Luiz Mott (2023), é inconclusivo, levando a ser cogitado que ela acabou se tornando escravizada novamente mas, dessa vez, em solo português. Com o descobrimento do auto de falecimento no Arquivo da Torre do Tombo, após anos de procura, foi possível compreender que Rosa realmente foi subjugada pela escravidão, trabalhando durante seis anos até sua morte aos 44 anos, na cozinha do cárcere. Já o padre Xota Diabos foi apenas exilado no Algarve.

Apesar do fim trágico da Rosa Maria Egípcíaca nas terras lusitanas, deve ser comentada a sua importância como símbolo de resistência contra o sistema escravista violento e brutal. Além do racismo ao qual estava submetida pela sua cor de pele, a sociedade colonial também era marcada por condutas misóginas, favorecendo o surgimento de comportamentos extremamente nocivos contra mulheres negras, ainda mais prostitutas escravizadas. Mesmo se enquadrando nesse grupo oprimido, Rosa foi de ex-prostituta a santa venerada pela população carioca e mineira, chegando até a conquistar parte da Igreja Católica. De fato, a outra parte a via como bruxa mas, ainda sim, é possível dizer que ela foi um marco para a história do Brasil, sendo necessária até hoje, como o ícone de incentivo para a escrita da história das mulheres afro-brasileiras. Dessa forma, escrever sobre “a santa que o povo aclamou” colabora não só para tirá-la do esquecimento, como também recupera as raízes negras de um país

marcado pela discriminação.

A “Flor do Rio de Janeiro” como arte carnavalesca da Unidos do Viradouro

I – A herança africana das escolas de samba e o papel na luta do feminismo negro

Em 2023, a escola de samba Unidos do Viradouro, de Niterói (RJ), resgatou a história de Rosa Maria Egipciaca, após 30 anos do lançamento do livro de Luiz Mott. Através de representações artísticas e literárias, o carnavalesco Tarcísio Zanon (2023)^{xiii}, em entrevista para o jornal *O Dia*, destaca que a “Flor do Rio de Janeiro” foi aclamada novamente na Sapucaí como a “santa” do povo, com uma grande procissão de tambores e folguedos populares. É importante destacar que o carnaval carioca é moldado pela herança africana (Pereira, 2024, p. 2), sendo o motivo cabível para a trajetória de Rosa ter sido escolhida como tema do festejo.

Por esse motivo, antes de adentrar a discussão das fontes, este trabalho tem o cuidado de enfatizar o simbolismo por trás das escolas de samba, ressaltando o papel que elas desempenham para a preservação e ensino da cultura afro-brasileira, diante da tentativa de apagamento dessa mesma cultura por grupos dominantes. De acordo com Celso Luiz Prudente e Haroldo Costa (2020), a designação “escola” não é aleatória, tendo em vista o seu propósito de manter viva a herança africana, através de abordagens que incitam o aprendizado tangível para um grupo marginalizado do processo de escolaridade. Além de atuar como um verdadeiro espaço de resistência cultural, as escolas de samba são, assim, símbolos do aprendizado informal, permeadas de rituais e tradições que explicam, de forma acessível, a história em seu sentido pedagógico. Elas são vistas assim, portanto, como “uma espécie de livro didático da negritude” (Pereira, 2024, p. 2).

Partindo desta concepção, não é por acaso que a Rosa Maria Egípcia foi escolhida como tema a ser representado, até porque, conforme debatido no parágrafo anterior, o objetivo das escolas de samba se insere na tentativa de aprendizado informal sobre tudo que se refere à herança africana. Além de educar grupos que com ela se identificam, também é uma forma de fazer resistência e expressar o que é essa herança na sociedade brasileira, correspondendo a uma demanda necessária do próprio tempo presente. No caso da representação de uma mulher escravizada, muito se deve à luta das feministas negras, que fizeram oposição ao apagamento proposital oriundo do racismo e patriarcalismo de longa duração, possibilitando a realização dessa mesma representação em um espaço bastante apreciado por diversos grupos sociais.

Dessa forma, deve-se dizer que a representação de Rosa Egípcia nos festejos carnavalescos de 2023 foi, realmente, o resultado de uma luta de anos de resistência, simbolizando não só os esforços da comunidade afrodescendente, como também das mulheres negras que fazem parte dessa comunidade. Para elas, é ainda mais difícil, pois envolve tanto o paradigma da cor, quanto o de gênero, tornando-as sujeitos subalternos de sua própria sociedade. Por isso, é possível dizer que a arte feita sobre a “santa africana” é crucial para a objeção do racismo e da misoginia, visto que representa o reconhecimento do seu valor para a história do Brasil, assim como para as mulheres negras atuais, no sentido de elas se sentirem representadas por uma personagem histórica real, que conseguiu se destacar diante do modelo nocivo de seu tempo.

II – Análise das artes carnavalescas do desfile da Unidos do Viradouro de 2023

A partir desta parte do trabalho, serão analisadas algumas imagens sobre a arte carnavalesca da Viradouro, sendo utilizado o método de análise pré-iconográfico e iconográfico de Panofsky (2007), contando com a ajuda do índice da própria Unidos do Viradouro (2023). É importante dizer que

foram separadas as principais alegorias do desfile de 2023, com o intuito de refletir também a iconologia dessas imagens. Ademais, vale dizer que haverá espaço para os conceitos de subalternidade (Gramsci, 1975) e inscrições feministas (Pollock, 1996) na reflexão.

Começando a análise das alegorias, é possível perceber, na figura 1, chamada de “Desaguar no Rio”, que a escola de samba usou as cores azul, dourado, laranja, verde e branco para colorir os elementos presentes no carro alegórico. No centro, observa-se a figura de uma mulher com um adorno na cabeça e escamas azuis, entornando água em uma criança de braços abertos, que parece estar dentro de uma fonte e solícita para receber tal água. Ao redor dessa fonte, aparecem alguns peixes e cavalos-marinhos, e mais atrás, uma torre de quatro andares com conchas, pilastras e sacadas. Nela também há uma espécie de “caldeirão” de onde saem tentáculos de uma pequena escultura.

Figura 1 - Alegoria “Desaguar no Rio”



Fonte: O São Gonçalo. Disponível em:

<https://www.osaogoncalo.com.br/geral/131408/viradouro-brilha-com-enredo-sobre-rosa-maria-egipciaca-e-sonha-com-titulo>. Acesso em: 21 mai. 2025.

Em um primeiro momento, presume-se que as figuras retratadas dizem respeito à conversão forçada ao catolicismo da criança, que passa a ser Rosa no momento do seu batismo. A água, nessa proposta, comunica, simbolicamente, o rompimento com a sua origem, sendo o sinal do apagamento de quem ela era no continente africano. Nessa lógica, a mulher que entorna o jarro seria a Nossa Senhora da Candelária, ou Virgem das Candeias, visto que muitos dos batizados de africanos ocorreram justamente na antiga capela dedicada a essa santa. No entanto, há uma provocação necessária nessa alegoria, tendo em mente que a comemoração de Iemanjá acontece no mesmo dia da santidade, significando que não há um rompimento com suas origens, e sim, a reafirmação de quem ela é e de onde veio. Por isso, a escola de samba trouxe elementos e adornos marinhos, remetendo à deusa das águas salgadas da religião de matriz africana. Além disso, a utilização das cores, principalmente o azul, traz justamente a alusão ao fundo do mar.

Passando para a figura 2, intitulada “O Acolhimento”, a escola de samba surpreende com um carro alegórico de cor azul, rosa e dourado. Nele, há um arco, onde estão espalhadas dez rosas, intercaladas com casas de três compartimentos, que remetem ao ouro. Ao centro, há uma mulher negra vestida de azul, sustentando em seu manto algumas cabeças femininas, assim como as próprias sambistas que estão de plumas douradas e rosas. Mais abaixo, podem ser vistos elementos que lembram a folha de acanto, asas ou conchas.

Figura 2 - Alegoria “O Acolhimento”



Fonte: Sambrasil. Disponível em: <https://sambrasil.net/06-b-gres-unidos-do-viradouro/>. Acesso em: 21 mai. 2025.

Diferentemente da figura anterior, a análise da imagem acima é um pouco mais direta, tendo em vista que a Viradouro retratou justamente o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto. Colocou-se o Recolhimento, pois ele foi fundado pela courana para abrigar e acolher mulheres que eram ex-prostitutas ou que não tinham onde ficar, podendo ser aquelas que foram abandonadas pelas famílias ou que apenas queriam viver de acordo com a fé católica. Percebe-se que Rosa foi colocada bem ao centro, como simbolismo do seu carisma de madre fundadora, tendo em seu manto algumas cabeças de mulheres negras. Essas mulheres parecem que estão sendo guiadas pela serenidade da “santa”, por isso a cor azul, dando a ideia de que a base de cada uma delas é justamente a Rosa e o Recolhimento. As próprias sambistas também parecem estar sendo guiadas, visto que foram colocadas abaixo de Rosa e aparentam ter um tamanho menor, proposital. Certamente, o Recolhimento seria as fachadas em dourado e as rosas intercaladas com luz seriam o amor divino de Rosa, entregue a essas mulheres.

Em relação à figura 3, cujo nome é “Preto Relicário”, observa-se que há uma
N. 30, 2025, P. 220 - 248

mulher colocada dentro de um armário, com algumas imagens coladas nas portas e em seu interior. A mulher aparece com as mãos para cima e o seu corpo, em formato de relógio, com um coração em laranja e um balanço. As cores predominantes são dourado, azul e laranja.

Figura 3 - Alegoria “Preto Relicário”



Fonte: G1 Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2023/noticia/2023/02/16/como-vem-a-unidos-do-viradouro-barreto-vai-erguer-altar-para-coroar-rosa-maria-egipciaca-a-santa-aclamada-pelo-povo.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2025.

Para analisar corretamente essa imagem, deve-se ter um pouco de conhecimento da história do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro e da arte sacra. Anteriormente, neste trabalho, foi mencionada a Capela dos Três Corações e alguns traços estéticos da sua arte barroca e rococó. Pois bem: a alegoria acima é uma representação dessa capela, pois ela trata da história da Rosa Maria Egípcia e do seu legado para o Convento. Inclusive, leva-se em consideração que foi em função da sua visão com os Sagrados Corações (Jesus, Maria e José), que o templo foi construído e continua íntegro até hoje. No entanto, há uma diferença entre as duas artes, no que diz respeito ao simbolismo da mensagem que a escola de

samba queria passar, priorizando a representação dos elementos que condizem com a “santa” e não com os três corações.

O interessante é que, por meio do índice da Viradouro (2023), também é possível identificar que as imagens coladas nas portas e ao fundo da arte, que não é um armário e sim um retábulo, são santos negros que reúnem a devoção popular às divindades de origem africana: Santa Efigênia e São Benedito. No peito da escultura feminina, que é a própria Rosa, há um balanço que representa justamente “o pulsar da fé do povo em devoção aos santos pretos do Brasil” (G.R.E.S. Unidos do Viradouro, 2023, p. 427), indo muito além da representação de um retábulo barroco característico.

Por fim, descrevendo a última alegoria, denominada “A santa que o povo aclamou”, percebe-se a abundância das cores rosa, vermelho e amarelo. Há uma mulher negra vestida de rosa ao centro, com os cabelos longos à mostra, pulseiras e um manto lilás, que cobre parte da sua cabeça e costas. Ao centro e mais à frente da mulher, percebe-se a figura de uma grande coroa com uma rosa ao centro, tendo em sua base inferior um conjunto de pessoas com as cores da Viradouro: vermelho e branco. Além do próprio nome da escola estampado na frente do carro alegórico, há o que parecem ser esculturas de mulheres negras bem atrás do manto lilás.

Figura 4 - Alegoria “A santa que o povo aclamou”



Fonte: Sambrasil. Disponível em: <https://sambrasil.net/06-b-gres-unidos-do-viradouro/>. Acesso em: 21 mai. 2025.

Ainda segundo o índice da Viradouro (2023), a escola de samba menciona que o pesquisador Luiz Mott profetizou o enredo carnavalesco sobre Rosa Maria Egipcíaca, visto que o que se sabe sobre ela é o suficiente para algo assim ser criado. Rosa ao centro, sendo justamente a mulher negra de destaque, parece que vai pegar a coroa e colocá-la sozinha em sua cabeça, evocando um sentimento de que ela é verdadeiramente uma santa ou até a rainha da Sapucaí. Mais uma vez, o manto foi incluído na arte, simbolizando, novamente, que ela é a base de sustentação dos bustos de mulheres negras que estão mais atrás. O diferencial dessa representação final é, assim, a canonização da “santa”, mas não pela Igreja Católica e sim por aqueles que se sentem representados nos dias atuais por uma mulher negra que fez história no Brasil, sendo saudada e aclamada por todos aqueles que vibram na sua cerimônia, seja na parte inferior do carro alegórico, no chão do Sambódromo, nas arquibancadas e até por quem a assiste na televisão.

III – Análise iconológica das artes carnavalescas do desfile da Unidos do Viradouro

Por meio da análise iconológica, na qual se inserem todas as artes trabalhadas em um mesmo questionamento, deve ser esclarecida a dimensão cultural, social e ideológica das figuras. No caso, leva-se em consideração que a sociedade brasileira, depois de tantos anos de lutas sociais de grupos subalternos, recebeu um desfile de Carnaval que representa justamente esses grupos, sendo uma forma até de reconhecer que eles também fizeram e fazem parte da história e do que é ser brasileiro. Esses eventos de grande porte, como os festejos da Sapucaí, são

exemplos de resistência e que devem permanecer vivos diante dos movimentos de retaguarda, pois são fundamentais para que a subalternidade passe um dia a ser o passado de indivíduos, que conseguiram falar, se expressar e ter a sua voz reconhecida, em qualquer meio das dinâmicas sociais. Ou seja, dar destaque a estes eventos ajuda a combater tudo aquilo que remete ao racismo e à misoginia.

Conforme introduzido na primeira parte deste trabalho, mesmo que seja um conceito que se opõe à maneira de fazer arte no século XX, o termo “inscrições feministas”, de Griselda Pollock (1996), é bem-vindo nesta análise, até porque, quando o assunto envolve as mulheres, a autora deixa claro que elas são sujeitos silenciados, em função de uma sociedade estruturada pelo patriarcalismo. Apesar de ocorrer o silenciamento proposital, elas resistem, fazem a diferença e mostram presença, mesmo com esses obstáculos, demonstrando o quanto são vitoriosas em cada camada da sociedade. Rosa Maria Egipcíaca é, assim, um exemplo de heroína, por ter tido força e resistência em um tempo estruturado nas dinâmicas coloniais.

Apesar do avanço das lutas antirracista e antimisoginia, ainda há alguns resquícios desses maus elementos no Brasil, decorrentes das estruturas de longa duração, e por isso, pode ser dito que o desfile da Viradouro de 2023 não foi só para ganhar um título. Na verdade, ele serviu de aprendizado para os grupos subalternos se sentirem incluídos, como também fez resistência contra o apagamento que esses grupos sofrem, oferecendo à Rosa a oportunidade de ser vista hoje como um verdadeiro ícone real de mulheres negras. Mais do que isso, percebe-se que ela foi representada como uma mulher protagonista de sua própria história e que conseguiu, de alguma forma, burlar o sistema escravista discriminatório. Como diz a própria escola de samba:

No palácio celestial que flutua de forma alegórica sobre o chão da Sapucaí, cada mulher é semente e flor que

desabrocha do incerto e que floresce do impossível. E o mar de gente que segue em cortejo entoa a voz em manifesto por todas as meninas, meretrizes, feiticeiras, mães, rainhas e santas. O canto desta manhã de carnaval é o de um Brasil refundado no feminino, na energia potente da coletividade e na alegria das celebrações elevadas à glória dos altares que o próprio povo tratou de enfeitar. Salve a Rosa Mística do Brasil! Salve a santa que o povo aclamou! (G.R.E.S. Unidos do Viradouro, 2023, p. 429)

A análise iconológica das artes é, assim, a crítica ao racismo e ao patriarcalismo, enfatizando a luta do protagonismo feminino negro, seja no tempo passado como nos dias atuais. É o Brasil refundado no feminino! (G.R.E.S. Unidos do Viradouro, 2023, p. 429).

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, percebeu-se que a proposta, ao tratar da Rosa Maria Egipciaca, não se preocupou muito com os desdobramentos do século XVIII, e sim, com o que ainda permanece daquele tempo. Foi repudiado tudo que remetesse à exclusão dos grupos minoritários logo na introdução, ao ser tratada a falta da “santa” em alguns livros de história e história da arte. Dito isto, este estudo pretende demonstrar que a atitude da escola de samba em tornar visível uma personagem importante da história do Brasil que, pela sua cor e por ser mulher, foi silenciada, deve ser vista como um exemplo para a academia.

Sabendo o motivo que corrobora com o apagamento da Rosa Egipciaca, mesmo após o lançamento do livro de Luiz Mott, esta pesquisa pretende ser o “combustível” necessário para que novos estudos sejam feitos, não só sobre a Rosa, como também sobre outras personagens femininas negras: é possível haver documentos históricos riquíssimos sobre suas

jornadas. Claramente, leva-se em consideração que, por serem escravizadas, é mais difícil encontrar fontes históricas sobre elas, uma vez que, após o fim oficial da escravidão e o início da República, uma grande quantidade de registros foi queimada. Além disso, muitas não sabiam ler e escrever, sendo bastante raro encontrar casos como da “Flor do Rio de Janeiro”. Mesmo assim, por meio da pesquisa minuciosa, é possível, sim, encontrar algum vestígio, visto que não se pode dizer que 100% dos escravizados eram analfabetos.

Dessa forma, conclui-se que existem diversas maneiras de pesquisar as minorias, como esta análise do desfile de Carnaval, e isso vale para outros personagens e períodos históricos, dando o direito ao sujeito subalterno de falar e ser ouvido. Almeja-se, assim, a conscientização do meio acadêmico e o fomento de novos estudos que colaborem com a demanda da contemporaneidade, para que seja devidamente feita a escrita da história das mulheres afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II.** Portugal: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1983

BRUNORIO, Frei Róger. NEOTTI, Frei Clarêncio. **Igreja e Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro:** resumo histórico desde a sua origem até hoje. Rio de Janeiro: Mattos & Mattos, [s.d.]

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de; RIBEIRO, Rosa Maria Costa; SILVA, Cesar Augusto Tovar. **Memória da Arte Franciscana na Cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: ARTWAY, 2011.

FRIDMAN, Fania. MACEDO, Valter L. **A ordem urbana religiosa no Rio de Janeiro Colonial.** [s.l.]: [s.d.]. Disponível em: https://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lob_0-9788523212308-45.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

Acesso em: 20 mai. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere.** Turim: Einaudi, 1975.

G.R.E.S UNIDOS DO VIRADOURO. **Rosa Maria Egipciaca.** Rio de Janeiro, 2023, p. 405-484.

MOTT, Luiz. **Rosa Egipciaca:** uma santa africana no Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2023.

MOTT, Luiz. Rosa Egipciaca conquistou franciscanos e previu casamento com D. Sebastião; biógrafo Luiz Mott revela detalhes da santa negra enredo da Viradouro. [Entrevista concedida ao]

Romulo Tessi. **Uol,** maio. 2022. Disponível em: <https://setor1.band.uol.com.br/rosa-egipciaca-entrevisa-luiz-mott/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita na Bahia do século XIX:** sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico. 2006. 1198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia. O nome dela era Rosa: epistolografia de uma escrava no Brasil do século XVIII. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. **Rosae:** linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 623-646. Disponível em:

https://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lob_0-9788523212308-45.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva,

PEREIRA, Alberto Fraga. Resistência e Memória no Carnaval Carioca: A Influência da Negritude e o Papel Contínuo das Escolas de Samba na Preservação da Cultura Afro-Brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNO DO PPGHS, XII, 2024, São Gonçalo. **Anais.** São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores UERJ, 2024.

PIZAN, Christine de. **A cidade das damas.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

POLLOCK, Griselda. **Inside the visible: an elliptical traverse of 20th century art, in, of, and from the feminine.** The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1996.

PRUDENTE, Celso Luiz; COSTA, Haroldo. Escolas de samba: comunicação e pedagogia a resistência do quilombismo. **Revista Extraprensa**, v. 14, n. 1, p. 274-294, 2020.

ROWER, Basílio. **O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro:** sua história, memórias, tradições. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZANON, Tarcísio. Visões e Alvo da Inquisição: Rosa Maria Egipciaca, a mulher homenageada pela Viradouro. [Entrevista concedida a] [s.n.]. **Aventuras na História**, fevereiro. 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/visoes-e-alvo-da-inquisicao-rosa-maria-egipciaca-a-mulher-homenageada-pela-viradouro.phtml>. Acesso em: 21 mai. 2025.

Notas:

ⁱ Localizado no Largo da Carioca, Centro *Mediterrâneo na Época de Filipe II* de do Rio de Janeiro – RJ. Fernand Braudel (1983), o autor tem o

ⁱⁱ Rosa Maria Egipcíaca foi vista como cuidado de definir três temporalidades santa pela população carioca e mineira históricas: A curta duração seria o tempo do século XVIII, sem ser reconhecida e individual e os acontecimentos, a média canonizada pelo Vaticano. Por esse duração seria interligada aos aspectos motivo, o presente trabalho usará a conjunturais e a longa duração seria palavra santa com aspas, significando relacionada a uma antiga estrutura, justamente a falta da canonização de sendo o maior exemplo a geografia

Rosa pela Igreja Católica, mesmo que ^{vi} Escrito em 1405, o livro *Cidade das* tenha desempenhado tal papel para a *Damas de Christine de Pizan* (2012) é uma sociedade da época. denúncia à maneira como as mulheres

ⁱⁱⁱ Frei Sampaio: Franciscano e mentor são vistas na sociedade, defendendo que político de D. Pedro I, responsável pela a diferença entre um homem e uma elaboração do Manifesto do Dia do Fico mulher não é biológica, e sim, social. A e por estimular o processo de obra se constroi por argumentos Independência do Brasil. consistentes, reunindo uma variedade

^{iv} O conceito de sujeito subalterno, significativa de mulheres "virtuosas", com cunhado por Gramsci (1975), diz o objetivo de protegê-las dos ataques dos respeito às pessoas que não têm voz homens e destacá-las como diante da hegemonia de um grupo que protagonistas de suas histórias. Além as exclui das dinâmicas disso, também é um espaço imaginário, socioeconômicas de uma sociedade. em que cada mulher seria "uma pedra do Esse termo também foi bastante muro da cidade", ou seja, o próprio livro. utilizado pela historiografia pós- Pizan foi uma das primeiras autoras a colonial, com o Subaltern Studies, em levantar argumentos em prol das que se destaca a pesquisadora Gayatri mulheres.

Chakravorty Spivak. Segundo Spivak ^{vii} MOTT, Luiz. Rosa Egipcíaca conquistou (2010), o subalterno não tem permissão franciscanos e previu o casamento com para falar, nem para tratar de temas D. Sebastião; o biógrafo Luiz Mott revela que dizem à sua própria vivência e detalhes da santa negra enredo da experiência, e quando fala, muitas Viradouro [Entrevista concedida ao] vezes não chega ser ouvido pelo Romulo Tessi. **Uol**, maio. 2022. modelo institucionalizado. Sendo assim, Disponível em: a tarefa do intelectual é criar espaços <https://setor1.band.uol.com.br/rosa-para-que-esse-sujeito-possa-falar, egipciaca-entrevista-luiz-mott/>. Acesso contrapondo toda e qualquer forma de em: 20 mai. 2025.

silenciamento proposital. ^{viii} De acordo com Fania Fridman e Valter

^v No livro *O Mediterrâneo e o Mundo* L. Macedo [s.d], a permissão da

conversão da população negra ao catolicismo não passou de uma medida política por parte do Estado português, que visava apenas o seu controle.

^{ix} A Igreja de Santo Antônio pertence ao Convento de Santo Antônio e é localizada no Largo da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro – RJ.

^x De acordo com Luiz Mott (2023), o livro *Sagrada teologia do amor de Deus luz brilhante das almas peregrinas* foi a primeira obra escrita por um ex-escravizado.

^{xi} Pátio externo e por vezes murado, localizado em frente ou em torno de uma igreja.

^{xii} MOTT, Luiz. Rosa Egipciaca conquistou franciscanos e previu o casamento com D. Sebastião; o biógrafo

Luiz Mott revela detalhes da santa negra enredo da Viradouro. [Entrevista concedida ao] Romulo Tessi. Uol, maio. 2022. Disponível em: <https://setor1.band.uol.com.br/rosa-egipciaca-entrevista-luiz-mott/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

^{xiii} ZANON, Tarcísio. Visões e Alvo da Inquisição: Rosa Maria Egipciaca, a mulher homenageada pela Viradouro. [Entrevista concedida a] [s.n.]. **Aventuras na História**, fevereiro. 2023. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/visoes-e-alvo-da-inquisicao-rosa-maria-egipciaca-a-mulher-homenageada-pela-viradouro.phtml>. Acesso em: 21 mai. 2025